

QUAL A SELEÇÃO CORRETA DO BAVETE CAUDA LONGA?

INTRODUÇÃO:

Comecei a criar o gênero *Poephila* quando participei como criador candidato a juiz do curso magistral de atualização de Giulianova, ministrado pelo amigo e mestre, então Presidente do CTN IEI, Emilio de Flavis, sobre baves cauda longa. Uma experiência belíssima, tanto entusiasmo, tanta técnica e tanta ciência.

Após quinze anos de criação destes pássaros, mesmo que se atualmente não sejam mais presentes na minha criação, e pelos quais muitas vezes me dediquei a escrever e participar, me encontro hoje frente a um argumento que parece sinceramente surreal: qual é a seleção correta do cauda longa.

Me incita a escrever sobre tal argumento a discussão, às vezes construtiva, às vezes interessada e às vezes inapropriada que nos meandros da Web serpentina em direção a um abominável quanto humilhante endereço seletivo, firmado sobre estranhos e rocambolescos pressupostos de base, que muitas vezes contrastam com a técnica e a ciência ornitológica. Por tal motivo, aconselhando-me com os amigos De Flavis e Paparella, com o presente escrito queremos ressaltar alguns pontos seletivos dos quais não se pode prescindir ou gerar confusão.



Texto: Emilio De Flavis
Francesco Faggiano
Sandro Paparella

Fotos: P. Rocher e F. Faggiano

Tradução:
Mauro de Queiroz Garcia

Autorização: FOI – ONLUS
ITALIA ORNITOLOGICA
Nº 5 MAIO DE 2013

A ESPÉCIE ACUTICAUDA

O diamante cauda longa (bavete cauda longa) se divide em uma espécie de referencia, ou forma nominal (*Poephila acuticauda acuticauda*) e uma subespécie (*Poephila acuticauda Hecki*). Nestas duas formas, existem graças a um longo processo de seleção natural, diferenças somáticas fundamentais que é obrigação nossa, selecionadores, preservar mesmo nos planteis domésticos. Ressalte-se que a subespécie é considerada como tal porque é claramente uma forma evolutiva sucessiva ao tipo originário. Condição esta adquirida de aspectos somáticos específicos que em seguida analisaremos.

A ESTRUTURA

Em primeiro lugar a estrutura, ou seja o conjunto de características físicas ligadas à dimensão óssea, músculos e penas que determinam o tamanho, a forma e a silhueta. Enquanto a forma de referencia é caracterizada por uma estrutura, assim dita, mais selvagem, afilada, que determina uma atitude mais aerodinâmica, típica de pássaros que vivem em bosques, a subespécie Hecki se apresenta com tamanho maior, forma mais arredondada, postura mais ereta, típica de pássaros que vivem em terrenos herbáceos. Estas considerações são frutos de observações na natureza, por meio de vídeos e imagens que dão uma informação objetiva sobre a real e natural diferença morfológica das duas formas. Sendo a estrutura a consideração mais importante da nossa escala atual de juízo, é claro que a seleção correta deve respeitar, manter e valorizar tais peculiares diferenças entre as duas formas.

A COR DA PLUMAGEM

Também a cor da plumagem é decididamente diferente entre a forma nominal e a subespécie.

Não podemos relegar na seleção domestica uma diferença substancial entre a espécie nominal, caracterizada por um fundo melânico mais cinza, devido a uma presença infiltrada de eumelanina negra e pobre teor de feomelanina. A escassez de feomelanina é maior no dorso, que assume um delicado tom cinza/pó de arroz, ainda mais evidente na comparação com a subespécie Hecki; sobre o peito, onde a cor é caracteristicamente de um tom cinza chocolate claro muito apagada, quase areia. Na subespécie a feomelanina, evidentemente mais abundante produz um dorso amarronzado e um peito violáceo. Os desenhos em ambas formas são absolutamente negros. Estas diferenças se evidenciam publicamente também nas observações e comparações dos exemplares selvagens.

A COR DO BICO

Com frequência quando se deve distinguir as duas formas de cauda longa, há uma tendência em simplificar afirmando que a subespécie tem o bico de cor vermelha e a nominal de cor amarelo. Na realidade pelo que foi dito acima podemos afirmar que talvez somente ao inexperiente observador a primeira evidente diferença é a pigmentação lipocromica do bico, claramente diferente, mas não certamente a única determinante.

Entretanto, também neste caso devemos



por critério científico referir-mo-nos somente às formas selvagens e em particular aos exemplares daquelas áreas onde as duas formas não tendem a mestiçar-se frequentemente.

Desnecessário dizer que o diamante cauda longa na forma nominal tem o bico absolutamente amarelo, às vezes tendendo à cor de carne na base. A prova nós a temos quando observando o primo mais próximo e mais antigo do gênero *Poephila*: o diamante mascarado!

Extremamente afins, as duas espécies originariamente são portadoras de bico amarelo. Então, provavelmente, no caminho evolutivo da acuticauda veio uma modificação genética que permitiu ao mesmo tempo sintetizar mais feomelanina e mais lipocromo até causar, provavelmente, na capacidade de biossíntese, por conseguinte, um outro pigmento de cor vermelha. Creio se trate, visto os resultados de acasalamento, de um caráter multigênico, a expressão variável e influenciada por algum mecanismo pleiotrópico ligado a genes responsáveis pela síntese das melaninas. Isto porque acasalando um bico amarelo com um bico vermelho se obtém intermediários, dos quais é fatigoso e difícil retornar às formas primitivas. Isto exclui a possibilidade de que se trate de um caráter uni fatorial e evidencia uma dominância parcial e uma persistência, da



qual de deduz a multi fatoriedade e a inerência dos fatores pleiotrópicos. A este propósito se evidencia como exemplo os exemplares Hecki mutados “cinza” que apresentam a expressão do vermelho verdadeiramente intenso. Da observação de muitas imagens encontradas na Web se deve ter a honestidade intelectual de afirmar que a espécie nominal tem o bico amarelo, praticamente como o diamante mascarado e que a subespécie Hecki tem o bico alaranjado e não vermelho! Somente a seleção doméstica tem produzido exemplares de bicos de cor vermelho coral.

Tal espetacular resultado seletivo é porem difícil de manter constante e a maior parte dos sujeitos atuais em giro são deficientes de bico vermelho, apresentando todos bico laranja.

Também os exemplares que recordam um bico amarelo, hoje presentes em cativeiro na Itália, na realidade são provavelmente exemplares mestiçados, porque nenhum cauda longa de bico amarelo, apresenta tons laranjas espontaneamente e todos possuem uma estrutura muito similar à Hecki e uma coloração muito definida e quente. De fato são poucos os exemplares puros que se podem admirar.

A SELEÇÃO DOMÉSTICA E A FORMA ANCESTRAL

Selecionar significa colocar em prática escolha dirigida à obtenção de uma determinada expressão de um caráter somático segundo referências predeterminadas. Em outras palavras a seleção é um percurso de criação feito através da seleção dos reprodutores que já possuem a característica desejável de um determinado caráter ou que se presume a possibilidade de surgir na progênie. Neste ponto, na seleção de uma dada espécie, a coisa deve ser referente, na hora quando desejamos formular um protótipo, ao Standard de excelência? O primeiro ponto a considerar são as peculiaridades ancestrais, desenhos e cor além da estrutura. É claro que em uma seleção doméstica da forma ancestral se procurará enfatizar os tons e cores típicas e apropriadas da espécie. Quando se seleciona de forma diferente, ou se seleciona expressões não típicas, neste momento pode-se, talvez, estar fazendo a seleção, de uma raça doméstica que em nosso caso, por absurdo poderia ser um bico melânico ou cor de carne. Se falamos de cauda longa, tendo evidenciado como as duas formas ancestrais são diferentes por toda uma série de elementos fenotípicos, não se pode absolutamente ser generoso em relação aos exemplares que manifestam abertamente caracteres intermediários da estrutura, da cor da plumagem e do bico. Um cauda longa de bico infiltrado de laranja é um descarte na seleção doméstica deste exótico porque as duas seleções domésticas devem se dirigir exatamente na direção de um hipocromo límpido amarelo na forma nominal e uma intensa cor vermelha na subespécie Hecki: duas expressões fenotípicas que exaltam o caráter ancestral e que representam a correta seleção doméstica em relação à potencialidade e peculiaridade da forma ancestral.

Obviamente o mesmo discurso se deverá fazer pela expressão das melaninas e da estrutura também nos exemplares que ostentam

▼ Codalunga ancestrale selvatico sottospecie Hecki



▲ Diamante codalunga a becco giallo (*Poephila acuticauda acuticauda*)

mutação de cor, considerando neste caso interações de tempo em tempo. Não podemos nos contentar ou ser generosos na seleção e no julgamento, hoje mais que antes porque temos em mãos noções e conhecimento suficiente para levar adiante um hobby e uma paixão que nos requer também um papel de conservação do patrimônio genético importante e delicado do qual ninguém cuida melhor. Cabe a nós criadores saber fazer o adomesticamento da espécie preservando os traços ancestrais da própria espécie e paralelamente cuidar da raça doméstica que são evolução automática das estirpes em cativeiro. Considerar como corretos os fenótipos atípicos ou intermediários que lembram qualquer coisa é um erro grave que se pagará com o tempo. Busquemos em nossas criações a tipicidade, as peculiaridades de cada espécie e de cada subespécie para que estas diferenças sejam reconhecidas, apreciadas e valorizadas e seremos mais gratificados e certamente mais apreciados também pelos quais nos chamam de traficantes.



Topazio cauda longa